

A RESILIÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA – CONTRIBUTOS DE UM ESTUDO DE CASO

Mariana Abreu & Maria Raul Lobo Xavier

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
Instituto de Educação - Porto

Introdução

A investigação que apresentamos utiliza fundamentalmente metodologia qualitativa para através do estudo de caso compreendermos numa perspectiva bioecológica (Bronfenbrenner, 1979) o fenómeno da resiliência nos adolescentes em contexto escolar. Podemos definir resiliência como "um processo dinâmico que envolve uma adaptação positiva a um contexto de grande adversidade" (Luthar, Cicchetti & Becker, 2000, p.543), ao conseguir "bons resultados apesar das sérias ameaças ao desenvolvimento ou à adaptação" (Masten, 2001, p. 228), à competência manifestada pelo indivíduo no seu contexto, onde se operam desafios à adaptação e ao desenvolvimento (Masten, 2001; Masten & Coatsworth, 1998).

O facto de terem associado às suas vidas um conjunto de acontecimentos capazes de provocar níveis elevados de stress (factores de risco), faz com que os alunos considerados de risco evidenciem resiliência ou vulnerabilidades na escola. A importância de perceber como é que actuam os factores e processos protectores tendo em conta os riscos e factores de risco pode ajudar na compreensão dos comportamentos resilientes ou não-resilientes demonstrados. Assim, perceber a influência da escola na promoção da resiliência nos adolescentes, nomeadamente ao nível da realização académica e competência social bem como na relação com o grupo de pares é fundamental para compreender de que forma dos adolescentes se adaptam ou ultrapassam as adversidades nas suas vidas.

Método

Amostra

O grupo estudado é constituído pelos alunos do 7º ano de escolaridade de uma escola secundária urbana da periferia do Grande Porto. Participaram neste estudo um total de 77 alunos, provenientes de quatro turmas, de ambos os sexos, 28 (35,6%) raparigas e 49 (64,4%) rapazes, com idades que variaram entre os 12 e os 15 anos com uma média de 12,7 anos depois de ter sido dado o consentimento informado pelos seus Encarregados de Educação.

Procedimentos

AA Escala de Avaliação do Estatuto de Risco baseada na "Life Events Checklist" de Werner e Smith (1992) e a Lista de Verificação de Comportamentos de Resiliência de Howard e Johnson, (2000) foram aplicadas em Março de 2006 com a colaboração das Directoras de Turma das quatro turmas. O teste sociométrico foi aplicado em contexto de sala de aula durante o mês de Maio de 2006, nas três turmas onde foram identificados alunos de risco tendo sido previamente explicado aos alunos o seu preenchimento. As entrevistas decorreram nos meses de Abril e Maio de 2006 tendo-se utilizado um gravador para que as suas respostas ficassem registadas e mais tarde pudessem ser analisadas. Todos os alunos aceitaram que as entrevistas fossem gravadas. Fizemos a média das classificações finais das disciplinas cuja avaliação é quantitativa apenas para os alunos que foram avaliados e que transitaram de ano, considerando esse o índice de competência para comparação entre os dois grupos na realização académica.

Resultados

1. Numa turma não encontramos alunos de risco, nenhum aluno apresentava 4 acontecimentos stressantes/factores de risco nas suas vidas;
2. Nas restantes três turmas (N=58) foram encontrados 20 alunos de risco (N=20) mas apenas 16 (N=16) 5 raparigas (31,25%) e 11 rapazes (68,75%), aceitaram participar na investigação;
3. A média do nº de factores de risco/aluno é de 6,75;
4. Os principais acontecimentos de vida stressantes que encontramos na vida dos alunos depois de aplicada a Escala de avaliação do Estatuto de Risco vão ao encontro da revisão da literatura efectuada (Rutter, 1990; Masten, 1994; Kumpfer, 1999; Windle, 1999), encontram-se representados na tabela 1;
5. Da aplicação da Lista de Verificação de Comportamentos de Resiliência, verificámos que dez alunos (N=10/62,5%), quatro (N=4) raparigas e seis (N=6) rapazes, demonstravam comportamentos resilientes. Os restantes seis alunos (N=6/37,5%), uma (N=1) rapariga e cinco (N=5) rapazes demonstravam comportamentos não-resilientes.
6. Alguns dados do Teste Sociométrico estão representados na tabela 2.

- Os "alunos de risco" são em média mais rejeitados e menos preferidos dos que os "outros alunos"
 - Os "rapazes de risco" são em média ligeiramente preferidos do que os "outros alunos" para integrarem uma equipa desportiva, 1,81 contra 1,68 vezes
 - Quatro dos "alunos de risco" (36%) nunca foram rejeitados para trabalhos de grupo ou para fazerem parte de uma equipa desportiva;
 - É do género feminino a aluna de risco mais vezes rejeitada pelos seus pares, quer se trate de trabalho em grupo ou ser escolhida para um trabalho desportivo, sendo rejeitada 24 vezes (num universo de 19 alunos);
 - 100% das "alunas de risco" são rejeitadas em média mais vezes do que a média das restantes raparigas para trabalhos de grupo ou para fazerem parte de uma equipa desportiva;
7. A maioria dos alunos da nossa amostra demonstrou ser competente na realização académica (87,5%) e transitaram para o 8º ano com uma média de (M=3,07), abaixo dos restantes alunos (M=3,46);

Instrumentos

Para a avaliação do estatuto de risco, utilizamos a Escala de Avaliação do Estatuto de Risco baseada na "Life Events Checklist" de Werner e Smith (1992). Mais do que quatro acontecimentos stressantes (factores de risco) na vida de um sujeito constitui-se como suficiente para considerá-lo com estatuto de risco. (Werner & Smith, 1992, p.192). Para os alunos de risco, utilizamos a Lista de Verificação de Comportamentos de Resiliência adaptada de Howard e Johnson (2000) para avaliar se existia um grupo resiliente e um grupo não-resiliente. Utilizamos um teste sociométrico para medir as preferências e rejeições do grupo de risco (N=16) relativamente aos outros alunos no grupo/turma para a realização de um trabalho de grupo e pertencerem a uma equipa desportiva, e perceber qual o seu estatuto no seu grupo de pares. Através de entrevistas semi-estruturadas aos alunos de risco desejamos conhecer aspectos relativos à sua vida, à escola, grupo de pares e família e procurar algumas diferenças nas respostas dadas pelo grupo de alunos resilientes e pelo grupo de alunos não-resilientes. Usamos os registos das avaliações do final do ano lectivo para avaliar a realização académica como índice de competência dos alunos de risco.

Conclusões

Através da análise de conteúdo organizamos em temas, categorias e subcategorias, a informação obtida nas entrevistas efectuadas aos alunos. Nesta discussão seleccionamos apenas alguns temas/categorias que julgamos relevantes bem como algumas conclusões prévias dos outros instrumentos que usamos no nosso estudo que ainda se encontra em fase de conclusão.

1. 80% das "alunas de risco" são muito pouco populares não só dentro do seu género mas também no grupo de pares, independentemente de serem consideradas resilientes ou não-resilientes. O seu temperamento introvertido não tem permitido encontrar o seu estatuto no grupo de pares;
2. De três "alunos de risco", todos considerados resilientes, dois procuram na comunidade (num clube desportivo) a sua protecção para algumas das vulnerabilidades da sua vida, são muito populares entre os seus pares pelas suas características atléticas e consequentemente chegam a ser líderes nalgumas actividades na escola;
3. São alunos não-resilientes que afirmam que comportamentos de risco, tais como ter começado a fumar e ter problemas na escola não deveriam ter acontecido na sua vida;
4. 50% dos alunos considerados não-resilientes responderam que não se orgulham de nada na sua vida;
5. A Escola significa para os alunos:
 - o Um local para conviver e estar com os pares, o Educação/formação
6. A maioria dos alunos tem a noção que as suas dificuldades são ao nível da retenção e compreensão das matérias;
7. A escola tem de desenvolver curricula relevantes para que os alunos se identifiquem com a escola;
8. As escolas deverão promover relações interpessoais (entre alunos, professores) que ajudem e acreditem que os alunos são capazes de ser bem sucedidos;
9. Os planos para o futuro dos alunos passam pela realização académica e por trabalhar, no entanto, de acordo com os alunos, os obstáculos ou ajuda para a concretização dos seus planos no futuro dependem deles próprios, do seu esforço individual,
10. Os acontecimentos importantes na vida dos adolescentes prendem-se na sua maioria com as "suas conquistas" na vida.
11. A maioria dos alunos de risco, apesar de se sentirem adaptados ao contexto turma e escola, são os mais rejeitados de entre os pares;
12. No geral, a Escola não é percebida como um factor de protecção pelos alunos, e eventualmente só o será se significar estar com os pares;

Tabela 1 - Acontecimentos de Vida Stressantes



Tabela 2 - Resultados do Teste Sociométrico

	Total	Rapaz	Rapaz	Rapaz	Rapaz	Rapaz
	100	50	50	50	50	50
Préferido por outros alunos de risco	280	140	140	140	140	140
Préferido por outros alunos não de risco	580	290	290	290	290	290
Rejeitado por outros alunos de risco	110	55	55	55	55	55
Rejeitado por outros alunos não de risco	201	100	101	101	101	100
Préferido por outros alunos de risco	137	68	69	69	69	68
Préferido por outros alunos não de risco	270	135	135	135	135	135

Referências Bibliográficas

Bronfenbrenner, U. (1977). *La Ecología del Desarrollo humano*. Barcelona: Paidós.

Brownell, S. & Williams, B. (2008). An investigation of the role of resiliency promoting factors in preventing adverse life outcomes during adolescence. Report for the Epidemiology Research Centre of Australia.

Kumpfer, K.L. (1999). *Factors and processes contributing to resilience: The Resiliency Instrument*. In M. Gatzert and J. Johnson (Eds.), *Resilience and Developmental - Positive Life Adaptations*. (279-294). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Luthar, S.S., Cicchetti, D. & Becker, B. (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71, 3, 543-562.

Masten, A. S. (1994). *Resilience in individual development: Successful adaptation despite risk and adversity*. In M. C. Wang, E. W. Gordon (Eds.), *Educational Resilience in Inner-City America: Challenge and Promise*. (1-23). Lincoln, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.

Masten, A. S. (2001). *Ordinary Magic: Resilience processes in development*. *American Psychologist*, 56, 3, 227-238.

Masten, A. S. & Coatsworth, J. (1999). The Development of Resilience in Children and Vulnerable Environments. *American Psychologist*, 54, 2, 205-221.

Rutter, M. (1990). Psychological resilience and protective mechanisms. In J. Ruff, A. G. Masten, D. Cicchetti, K. L. Neuman & S. Weitzman (Eds.), *Risk and Protective Factors in the Development of Psychopathology*. (181-214). Cambridge: Cambridge University Press.

Werner, E. & Smith, R. S. (1992). *Overcoming the Odds: High risk children from birth to adulthood*. Ithaca, New York: Cornell University Press.

Windle, G. (1999). Critical conceptual and measurement issues in the study of Resilient Families.